

2

BRASIL DOS VIAJANTES





EDDY STOLS

A ICONOGRAFIA
DO BRASIL NOS
PAÍSES BAIXOS
DO SÉCULO XVI
AO SÉCULO XX

Uma tentativa
de avaliação global

Uma anedota pode talvez de imediato ilustrar a preocupação e o propósito desta comunicação. Um dia, muito surpreso, localizei, no catálogo da biblioteca central da Universidade de Louvain, os volumes de Jean-Baptiste Debret na sua primeira versão original. Sem qualquer cerimônia não só foi possível tomar emprestado como também levar essa preciosidade para consulta em casa. Resisti à tentação de cortar algumas das gravuras e devolvi o volume incólume à biblioteca. Foi só depois de alguma insistência que o bibliotecário resolveu transferir essa obra para o setor de livros preciosos e interditar, doravante, o empréstimo a domicílio, para evitar no futuro eventuais predações. Pelo menos para mim, ficou evidente o pouco caso que muitos, na Europa, ainda fazem da iconografia do Brasil. Fosse um livro com gravuras sobre o Egito ou a China, com certeza figuraria na seção de livros preciosos e ficaria guardado a sete chaves.

Recentemente, no programa de Europália Portugal, foi exposta, em Bruxelas, a magnífica e interessante série das estampas creditadas a Joaquim José de Miranda sobre a expedição de Afonso Botelho de S. Paio e Sousa, da coleção Beatriz e Mário Pimenta Camargo. A crítica deu, curiosamente, pouca atenção ao que foi, sem dúvida, uma verdadeira revelação de uma iconografia ignorada. Houvesse-se mostrado uma série de estampas chinesas desconhecidas, certamente o evento teria despertado numerosas apreciações dos especialistas.

Assim vim a interrogar-me sobre o interesse nos Países Baixos ou na atual Bélgica, Holanda e Norte da França pela iconografia do Brasil, e isso numa perspectiva longa de quase cinco séculos. Criou-se nessa área cultural da Europa ocidental uma iconografia específica do Brasil? Qual foi sua temática predominante e sua originalidade com respeito à iconografia do Brasil em Portugal, na França, na Alemanha, na Itália e em outros países europeus? Como foi divulgada, colecionada e apreciada? Seriam este interesse e gosto pelas coisas brasileiras comparáveis à sinofilia ou à egitomania, que há séculos se tornaram um elemento obrigatório da cultura geral de um europeu? Ficou esse suposto brasilianismo, na falta de outro termo mais

adequado, marcado pelos mesmos estereótipos inerentes ao olhar dominante da Europa ocidental na sua relação com o mundo exterior? Seria apenas outra variante de um exotismo fácil e da chamada autodefinição negativa através da selvageria do outro nos moldes da análise desconstrutivista? Marcaria, pelo contrário, essa iconografia do Brasil, um passo de progresso nos conhecimentos da realidade brasileira? Como se relaciona essa cultura visual a respeito do Brasil com a mais tradicional cultura escrita?

Esta comunicação não pode certamente abarcar uma problemática tão larga e ambiciosa, mas quer apenas contribuir com alguns elementos e dados para um projeto coletivo, que deveria necessariamente desdobrar-se por vários países europeus e por várias disciplinas tanto de história e de história da arte como de literatura e de antropologia. Como evoluiu a visão europeia do Brasil e em que níveis seria essa visão diferente dos olhares europeus sobre as culturas asiáticas, africanas, pré-colombianas, hispano-americanas ou anglo-americanas?

Antes de mais nada deve-se insistir aqui na importância das relações dos Países Baixos com o Brasil, na sua precocidade e continuidade, na sua intensidade e pluralidade. O Brasil tornou-se logo uma das Américas, um dos novos mundos mais próximos e presentes no horizonte ocidental dos Países Baixos. Isso pode-se verificar em vários níveis, tanto na vida econômica como no movimento editorial e na bibliografia do século XVI.

Os Países Baixos se projetaram logo como um dos principais mercados para os produtos brasileiros, primeiro para o pau-brasil e, em seguida, para o açúcar, e isso tanto para o consumo local como para a industrialização e a reexportação para os países vizinhos. Desde o final do século XV uma numerosa colônia de comerciantes flamengos estava concentrada em Lisboa e ela se manteve e cresceu ainda mais ao longo do século XVI.

No seu cotidiano o Brasil tomava cada vez mais importância, seja através de seus negócios, seja através de índios vindos do Brasil – como os viu pela primeira vez em Lisboa, “nus como recém-nascidos”, o poeta Dirk Coornhert – ou de raridades de origem



“Vista da Baía de São Vicente com Engenho dos Erasmos”, gravura que ilustra a narrativa de viagem de Joris van Spilbergen

brasileira – como as foi buscar lá em Lisboa o botânico Carolus Clusius.

As hostilidades entre o soberano espanhol e os seus súditos protestantes rebeldes deviam naturalmente repercutir sobre essa colônia flamenga de Lisboa e de outros portos portugueses como Porto e Viana, sobretudo depois da união das coroas em 1580, mas na verdade esse clima de guerra não afetou a viabilidade e a vitalidade dessa colônia. Pelo contrário, seus efetivos aumentaram até o período da invasão holandesa no Brasil em 1630. Dessa colônia partiram os primeiros aventureiros para construir engenhos de açúcar nas costas brasileiras. Já tinham bastante experiência nesse setor tanto na Madeira como nas Ilhas Canárias e uma colônia flamenga se instalou paralelamente também nos Açores. Seguindo o exemplo de João Vaniste e Erasmo Schetz, que mandaram construir o famoso Engenho dos Erasmos em São Vicente, uma dúzia de outros flamengos aplicou seu capital nas plantações e nos engenhos no Nordeste, de Pernambuco à Bahia. Entre os mais conhecidos há aquele de Duarte Hoelscher, em Itaparica, e aquele de Gaspar de Mere, em Marapatagibe, perto do Cabo de Santo Agostinho, desenhado por Frans Post. O total dos flamengos presentes no Brasil por volta de

1600 ultrapassou certamente a centena: havia além de senhores de engenho também comerciantes, caixeiros, marceneiros, soldados e marinheiros e até miseráveis e prostitutas. Essa colônia entretanto não se organizou como tal a exemplo da confraria de Santo André dos Flamengos, em Lisboa, que participava nas grandes festas e entradas solenes até com seus arcos de triunfo. Faltava entre os flamengos alguma coesão: alguns se integraram completamente, casando com mulheres da terra, ao passo que outros pensavam sobretudo em repatriar seus lucros para Flandres.

Além desses flamengos, que se radicaram em terras brasileiras pelo menos por alguns anos, havia os tripulantes flamengos não só de barcos portugueses mas, a partir de 1580, cada vez mais de barcos holandeses, que, passando pelos portos de Viana, do Porto ou da Madeira, além de Lisboa, se integraram na rota do açúcar e fizeram a ligação entre o Brasil e os portos do Mar do Norte ou até os portos italianos de Veneza e de Livorno. Contabilizam-se de 1580 até 1625 centenas de travessias, embora freqüentemente interrompidas por assaltos de piratas franceses ou ingleses ou até de holandeses e mesmo bárbaros norte-africanos, entre os quais podiam encontrar-se alguns flamengos renegados. O

número desses marinheiros com alguma experiência dos portos brasileiros subia provavelmente a vários milhares e o tema da viagem aventureira até Pernambuco penetrou até no teatro dos Países Baixos, como em *Loterijspel*, de Jan van Hout.

Paralelamente, não se devem esquecer os numerosos mercadores e marinheiros portugueses que freqüentaram os portos e as cidades flamengas. A colônia portuguesa de Bruges se transferiu na véspera do descobrimento do Brasil para Antuérpia e se projetou lá como uma das mais atuantes. Muitos de seus membros eram cristãos-novos. Mesmo depois da suspensão da Feitoria portuguesa em Antuérpia, em 1548, esses comerciantes se mantiveram firmes na Metrópole do Escalda e só depois de 1640 é que seu número diminuiu consideravelmente. Aliás, além de comerciantes, havia vários médicos e também alguns famosos humanistas como Damião de Goes e André de Rezende. Na Universidade de Louvain estudavam então alguns portugueses. Um ou outro português se radicava em cidades menores como Middelburgo ou Malinas. As perseguições religiosas fizeram fugir muitos, sobretudo os cristãos-novos, para as cidades mais seguras e tolerantes de Amsterdã ou Roterdã. Entre todos esses portugueses, muitos podiam ter conhecimento do Brasil, seja através de experiência pessoal, seja através de relações de família, de correspondência ou de leituras. Era o caso do humanista Aquiles Estação, que passou na sua juventude por Pernambuco. Não há menção explícita de índios brasileiros trazidos para Antuérpia, como foi o caso nos portos da Normandia, mas não se deve excluir a vinda de um ou outro. Jesuítas como Fernão Cardim e outros padres presos pelos ingleses ou holandeses transitaram por Antuérpia quando da sua libertação e regresso para o Brasil.

Antuérpia, como importante centro econômico, e também Bruxelas, como centro de decisões políticas – pelo menos até 1555 – e “*auberge des princes en exil*”, deviam ver passar e desfilar italianos, ingleses, franceses e alemães, que por sua vez tinham experiências e conhecimento do Brasil. Foi o caso dos soldados alemães Hans Staden e Ulrich

Schmidl, que voltaram para casa depois de suas aventuras brasileiras passando pela cidade de Antuérpia.

Foi com a invasão holandesa na Bahia, em 1624, e em Pernambuco, em 1630, que dobraram ou triplicaram as oportunidades para os flamengos e holandeses de conhecer *de visu* uma parte do Brasil. Por inversão, brasileiros puderam então, em número maior, freqüentar a Holanda. Alguns cristãos-novos estabelecidos no Brasil foram conhecer seus parentes da Holanda ou concluir negócios interessantes, ao passo que a administração holandesa trouxe alguns índios para treiná-los como agentes ou intérpretes. Houve também o caso célebre do jesuíta Manuel de Moraes, duplo trãnsfuga.

Todos esses indivíduos juntos constituíram um fluxo de pessoas e informações entre os Países Baixos e o Brasil como não existiu entre a Europa do Norte e a América durante este primeiro século e meio. Os horizontes mexicano ou peruano não puderam firmar-se tão nitidamente nos Países Baixos, se bem que suas culturas dispunham de troféus mais prestigiosos. O Caribe e a América do Norte só ocuparam um espaço crescente a partir da segunda metade do século XVII. Nada mais natural então que dessa familiaridade entre os Países Baixos e o Brasil resultassem uma informação livresca e uma iconografia muito importante e rica.

Realmente o Brasil apareceu cedo como tema no movimento editorial em Flandres, já com a edição do *Mundus Novus* de Vespucci por Vosterman em 1505, seguida por várias reedições de extratos por Van Doesborch de 1508 a 1520. Entrementes, publicou-se em Antuérpia em 1516 a *Utopia*, de Thomas Morus, que, de maneira menos explícita, pelo testemunho de um narrador português, revelava alguns aspectos gerais do Brasil. Depois teve que se esperar até meados do século para ver surgir descrições mais detalhadas, mas estas duas primeiras obras, de Hans Staden e de André Thevet, logo foram imprimidas em Antuérpia, a primeira em tradução flamenga em 1558 e a segunda no mesmo ano na versão original em francês. O livro de Jean de Léry foi posto no índice e interditado, mas posteriormente, em 1595, foi parcialmente traduzi-

do e aproveitado no *Itinerário*, de Jan Huyghen van Linschoten. Capítulos ou parágrafos alusivos ao Brasil, de alguma importância, saíram ainda em edições de Lopes de Castanheda, Symon Grynaeus e nas cartas jesuíticas. Vale mencionar aqui que os editores flamengos como Steelsius, Nutius ou Plantinus publicaram então muitos livros em espanhol, mas poucos ou nenhum em português. Nessas literaturas extremamente variadas como as de livros de navegação, livros de costumes, tratados de direito, dicionários ou colóquios multilíngües, livros de medicina e outros escritos humanísticos deveria completar-se um inventário de referências brasileiras. Assim o botânico Carolus Clusius mencionava freqüentemente nos seus livros aspectos da flora e fauna brasileiras, como também Abraham Ortelius fornecia alguns dados respectivos ao Brasil no seu *Theatrum Orbis Terrarum*. Circulavam também panfletos e notícias curtas, os precursores das gazetas, mas estes se perderam quase todos no século XVI.

Pelo número de publicações o tópico do Brasil certamente não se sobressai frente àquelas dedicadas à América espanhola, mas o impacto de Staden e Thevet foi certamente superior ao de autores como Hernán Cortés ou Francisco López de Gomara, Pedro Cieza de León ou Agustín de Zárate. Isso pode-se comprovar pelas referências a fatos relacionados nos livros de Thevet ou Staden, que aparecem, por exemplo, numa crônica dos distúrbios religiosos em Gante por Marcus van Vaernewyck, em que se comparam as brigas entre católicos e protestantes às guerras entre as tribos brasileiras. Falta, entretanto, uma espécie de *citations index* dessa literatura dos descobrimentos, como igualmente pouco se avançou no estudo de conteúdo das bibliotecas da época. As primeiras indicações dessas pesquisas apontam para uma proporção surpreendentemente baixa de “americana” nas bibliotecas dos poderosos e dos intelectuais seiscentistas. Nem por isso deve-se compartilhar da tese clássica de Marcel Bataillon sobre o pouco interesse dos humanistas pelo Novo Mundo, que merece várias ressalvas e nuances.

De outro lado, não se pode perder de vista

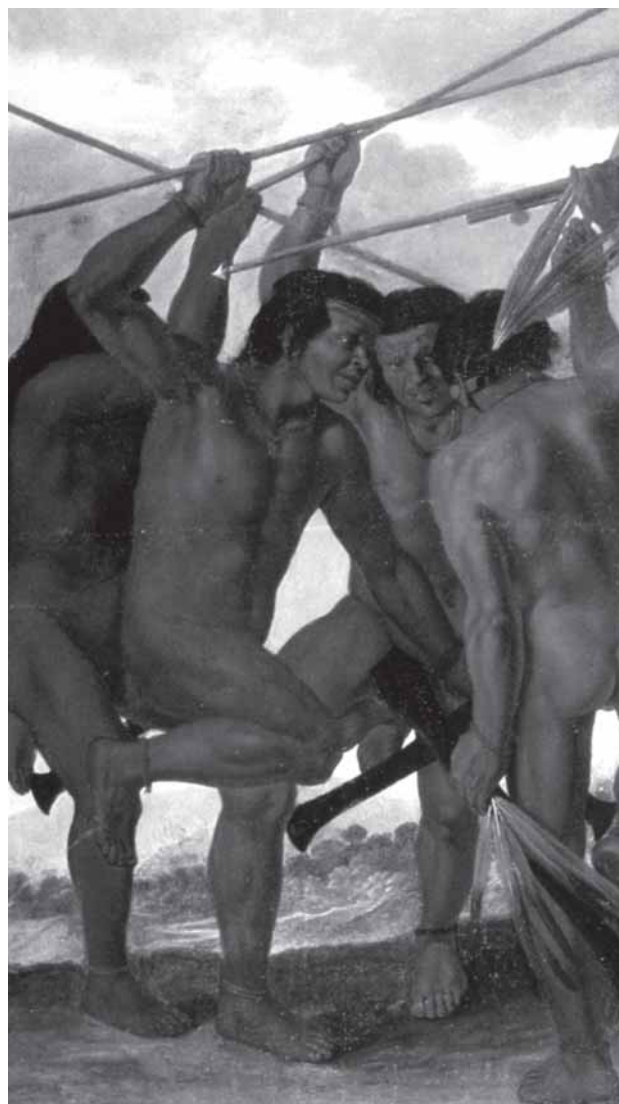
que as publicações de autores portugueses sobre o Brasil no século XVI foram relativamente raras, seja em consequência da política do sigilo, seja por causa da abundância das matérias africanas e asiáticas ou pela exigüidade do mercado de livros portugueses. Se bem que o mercado flamengo, com três milhões de habitantes – pelo menos o dobro do português –, tampouco suscitou, antes de 1594, livros ou relações de viagens originais de flamengos, baseados em experiências pessoais, que certamente não faltavam.

A chegada dos primeiros navios holandeses às Índias orientais, a fundação das grandes companhias coloniais e as grandes expedições holandesas ao redor do mundo despertaram um interesse maior pelo Brasil e fizeram quase explodir o mercado de livros com uma série impressionante de novas publicações, quase todas relacionadas na valiosa *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil*, de José Honório Rodrigues. Basta lembrar aqui os nomes de Van Noort, Van Caarden, Ottsen, Van Spilbergen, Ruiters, De Laet, Barlaeus, Marcgrave, Nieuhof. Deveria completá-la com algumas obras literárias de inspiração ou de referências brasileiras. É, por exemplo, o caso da peça de teatro *Loterijspel (Jogo de Loteria)*, na qual o poeta Jan van Hout apresenta um jovem *expert* em navegação a Pernambuco. Na correspondência de Grotius e outros intelectuais da época encontram-se numerosas referências ao Brasil. Um *citations index* poderá aqui produzir surpresas, já que a vida literária das Províncias Unidas passou naquela época por um verdadeiro século de ouro.

Pelo contrário, nos Países Baixos meridionais, por essa época já reconquistados pelas tropas espanholas de Farnésio e Spinola e frustrados de navegações diretas ao Novo Mundo, a literatura geográfica se encolheu e cedeu lugar à literatura de cunho religioso e moral no espírito da Contra-Reforma católica. O tema brasileiro aparece então quase exclusivamente nas cartas jesuíticas. Assim, na *Histoire du Massacre de Plusieurs Religieux*, publicada em Valenciennes em 1620, umas cartas dos jesuítas Pierre de Bosschere e Louis Berger relata uma visita à

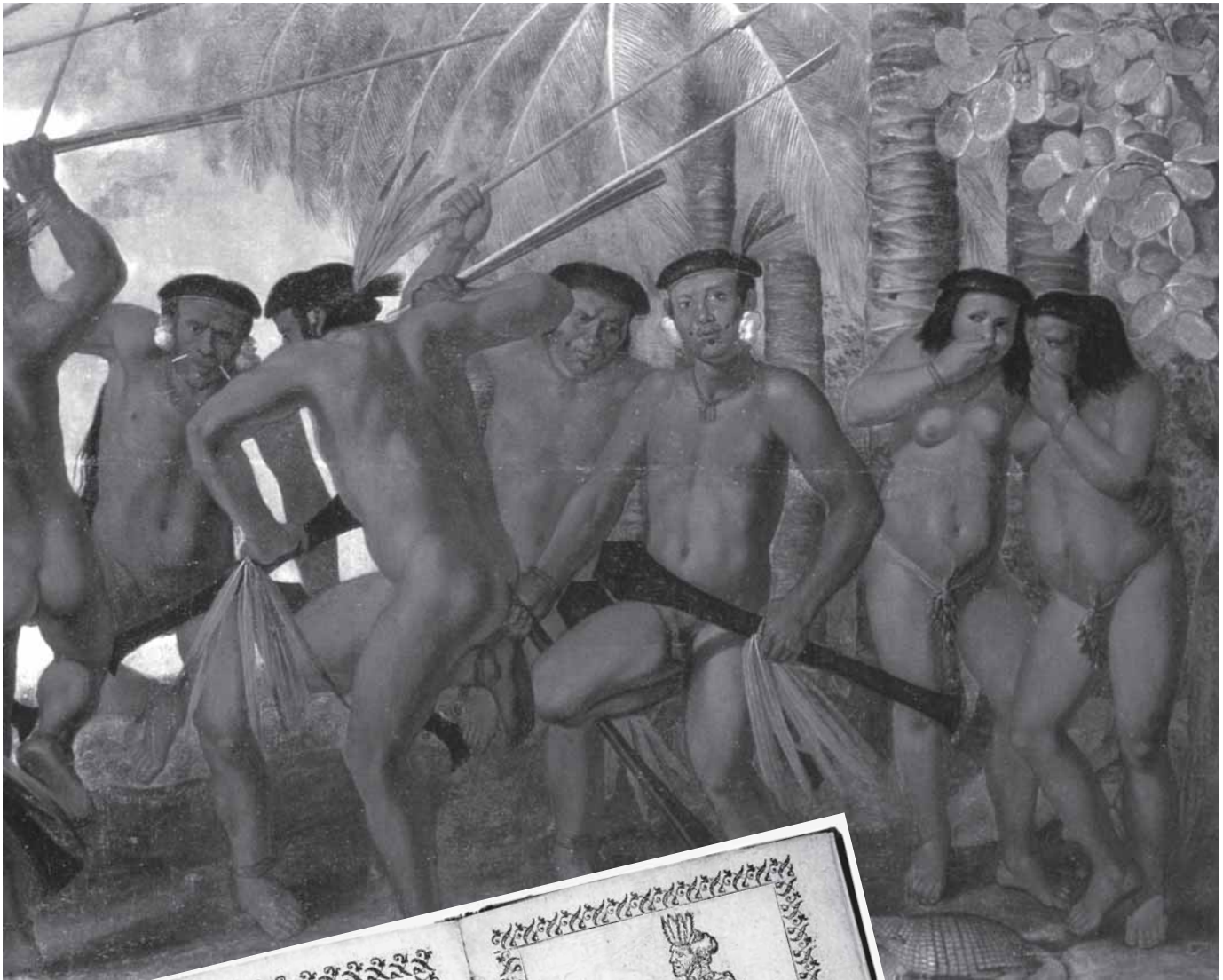
Bahia e, particularmente, ao túmulo do padre José de Anchieta. O culto desse jesuíta foi difundido através dos numerosos colégios e igrejas jesuítas de Flandres e pode ter sido sustentado por alguma publicação, hoje perdida ou escondida nos papéis dos jesuítas belgas. Pelo menos deve ter inspirado algumas das numerosas peças do teatro colegial jesuítico. A propaganda missioneira se orientou progressivamente mais para o Paraguai, sobretudo depois de 1640, quando a restauração da dinastia portuguesa e a ruptura dos vínculos dinásticos e políticos entre Portugal e os Países Baixos espanhóis dificultaram o acesso de jesuítas flamengos aos territórios brasileiros.

Qual foi agora, nestes dois primeiros séculos, a repercussão de todos esses contatos, comércio, viagens, missões e livros na iconografia do Brasil numa região da Europa que se notabilizou por um desenvolvimento fabuloso e por um crescimento explosivo da expressão e cultura visual? O inventário de temas brasileiros na pintura, nos desenhos e nas estampas, na escultura, na tapeçaria e na arquitetura dos Países Baixos é francamente decepcionante. Durante o primeiro século há quase nada além dos conhecidos desenhos e ilustrações nos livros de Staden, Thevet e Léry, reproduzidos e desenvolvidos nas obras de Theodor de Bry, que, embora seja originário de Liège, imprimiu-as em Francforte. Encontram-se algumas estampas alegóricas de Filips Galle, Jacques de Gheyn, Jan Sadeler ou Maarten de Vos sobre a figura do continente americano nas quais aparecem alguns elementos típicos mas não exclusivamente brasileiros, como o tatu, as flechas, a rede, as maracás, o penacho, a maça. Os livros de costumes contêm alguns desenhos de selvagens brasileiros, como aquele de Sluperius. Há alguns desenhos de plantas e animais, como jenipapos e tatus, nos livros de Clusius, inspirados nos objetos do museu *instructissimo* de Jacob Plateau de Tournai ou num livro de desenhos feitos na Bahia por volta de 1600 por um mercador chamado Hans van Uffele. O único quadro representando índios em luta com europeus numa paisagem americana, por Jan Mostaert, já descrito por Karel van Mander e conservado no Museu de



Haarlem, não se referia ao Brasil, como pensou Larsen, mas às Antilhas. Aliás, sua configuração parece apoiar-se unicamente em alguma narrativa ou na imaginação.

Por feliz contraste, Albert Eckhout e Frans Post realizaram, um século mais tarde, uma obra que destoava pela originalidade documental e pela visão moderna da colônia brasileira. Se essa obra se insere dentro de uma tentativa de apropriar-se e dominar o outro e faz parte integrante de uma operação colonial dominadora, ela apresenta, sem dúvida, um progresso real e profundo em relação às alegorias e representações caricaturais anteriores. Os quadros e desenhos dos dois holandeses visualizavam pela primeira vez o “viver em colônias”, o trabalho e o lazer dos índios



Acima, "O Brasileiro/A Brasileira", gravuras que ilustram o livro de Jacobus Sluperius, *Habitudes vestimentaires de toutes sortes...*, Musée Plantin-Moretus, Antuérpia; à esquerda, Albert Eckhout, "Dança Tapuia (Dança dos Tarairus)", óleo sobre madeira, Museu Nacional da Dinamarca, Copenhague

e dos escravos, a humanidade do selvagem e do negro, a existência da mestiça, a riqueza das paisagens do ultramar. A dança dos tarairus igualou, senão superou, cenas como a quermesse dos camponeses de Breughel. Qualquer análise desconstrutivista dificilmente poderá negar este avanço em conhecimento e compreensão e ainda menos se se examinar também o *Tierbuch* ou caderno do soldado Zacharias Wagner e seus desenhos quase ingênuos e primitivistas da realidade brasileira. Estes, aliás, não se executaram por encomenda nem faziam parte de uma operação de propaganda, mas deviam servir apenas para lembrança e deleitação pessoal ou quando muito de um círculo restrito de amigos e conhecidos, como foi também o caso do livro de Van Uffele, hoje perdido.

Mesmo a obra de Eckhout e Post teve seu alcance maior num grupo reduzido de admiradores. Não foi nem pôde ser continuada depois do regresso de Maurício de Nassau e da expulsão dos holandeses, e sua maior repercussão fez-se sentir sobretudo num exotismo bastante fácil em livros, em coleções e gabinetes de raridades, na tapeçaria francesa de Desportes e em algumas pinturas como aquelas pouco conhecidas do Museu Longchamp de Marseille. Uma exceção valiosa foi o atlas de Vingboons.

Menos conteúdo e quase puramente modismos encontram-se em pinturas dos Países Baixos espanhóis, como as alegorias de Jan van Kessel sobre a América do Museu de Munique e sobre o Brasil, na coleção Franz Mayer do México. A pobreza de informação foi particularmente evidente nos quadros exaltando o missionarismo em igrejas jesuíticas como a de Malinas ou de Antuérpia. Prontamente confundiu-se ali o índio com o africano e às vezes até com o asiático numa única figura alegórica, que se divulgará e se vulgarizará no teatro, nas procissões, no *Ommegang*, tanto em tamanho gigante como reduzido a medalhões. Basta comparar o esquematismo dessas representações exangues para melhor apreciar os esforços solitários de Post e de Eckhout. Que mesmo assim um contador da artesanaria mobiliária de Antuérpia pôde apresentar desenhos muito elementares, senão rudimentares, de uma safra de

cana-de-açúcar ou das técnicas de pesca dos índios, constitui até uma surpresa excepcional no meio dos assim chamados “índios de tabaco” onipresentes, como suportes de relógios, como cabeças de cachimbo, como decoração de tabaqueiras ou até nas tabuletas das lojas do século XVIII.

Resta então compreender e explicar o porquê dessa pobreza inverossímil da iconografia do Brasil nos Países Baixos da época moderna, então uma oficina hiperativa na criação da nova cultura visual. Poderia pensar-se que alguns tesouros se perderam, mas, na realidade, inventários como o livro de Van Mander ou inventários *post mortem* deveriam ter registrado na época tais tesouros se realmente existissem. Tem-se notícia de um quadro de Jan Breughel de Veludo sobre o tema de Anchieta, que talvez se encontre em alguma coleção particular. Por desaparecidos pode-se ter retratos de Cristóvão Colombo, por Antonis Moro, ou de Hernán Cortés, por Pedro de Campaña.

Será que a figura do selvagem, do nu encontrava cada vez mais restrições por parte de uma censura pudica da Contra-Reforma? Realmente Molanus e outros começaram bastante cedo a interrogar-se sobre a licenciosidade das imagens e das pinturas e efetivamente ditaram-se então regras e tomaram-se algumas medidas para cobrir os corpos. Isso, entretanto, só se fez nas igrejas, e pelo menos na corte dos devotos arquiducos Isabela e Alberto quadros bastante eróticos de um Hendrick de Clerck foram tolerados. Será que a cultura brasileira daquela época não oferecia suficientes assuntos interessantes? Não notava Piso que os pertences de uma índia cabiam dentro de uma cesta, que levava na cabeça? A este argumento pode-se retrucar com a constatação de que as culturas asteca ou inca, com uma infinita variedade de objetos suntuosos, com uma indumentária muito rica e com construções fabulosas, tampouco foram desenhadas ou pintadas por artistas flamengos, se bem que muitos objetos astecas foram mandados por Cortés para Flandres e ficaram parcialmente ali nos *Wunderkammer* de Margareta da Áustria, de Maria de Hungria e de outros grandes colecionadores de objetos exóticos.

Outra hipótese seria que os pintores flamengos recusavam viagens longínquas e perigosas na América. Aí deve-se lembrar os nomes de vários que embarcaram efetivamente para o México, como Simão Pereyns, ou para o Brasil, como alguns jesuítas. Estes, entretanto, pintaram nas Américas temas puramente religiosos e europeus e nunca mandaram algum quadro seu de volta para a Europa. Teriam sido os flamengos menos curiosos por terras exóticas? Van Mander, pelo contrário, atribui aos seus patrícios o afã especial, acima de todos os outros povos, de viajar e visitar outros países e povos. Realmente os artistas se empenharam em desenhar e retratar fora de seu país. Basta lembrar aqui a tapeçaria da conquista de Tanager por Pasquier Grenin, a obra de Vermeyen, que se outorgou o monopólio sobre a representação visual da conquista de Túnis, ou as tapeçarias ao estilo ou gosto de Calicute. O império otomano produziu toda uma iconografia nos Países Baixos e o fascínio pelo Oriente perdurou em detrimento do Extremo Ocidente e das novidades americanas. Joris Hoefnagel trouxe desenhos e raridades de sua viagem pela Península Ibérica, assim como Roelant Savery procurou inspiração e encomendas na Europa central em Praga. A viagem à Itália manteve, aliás, para os pintores flamengos, seu caráter de obrigatoriedade.

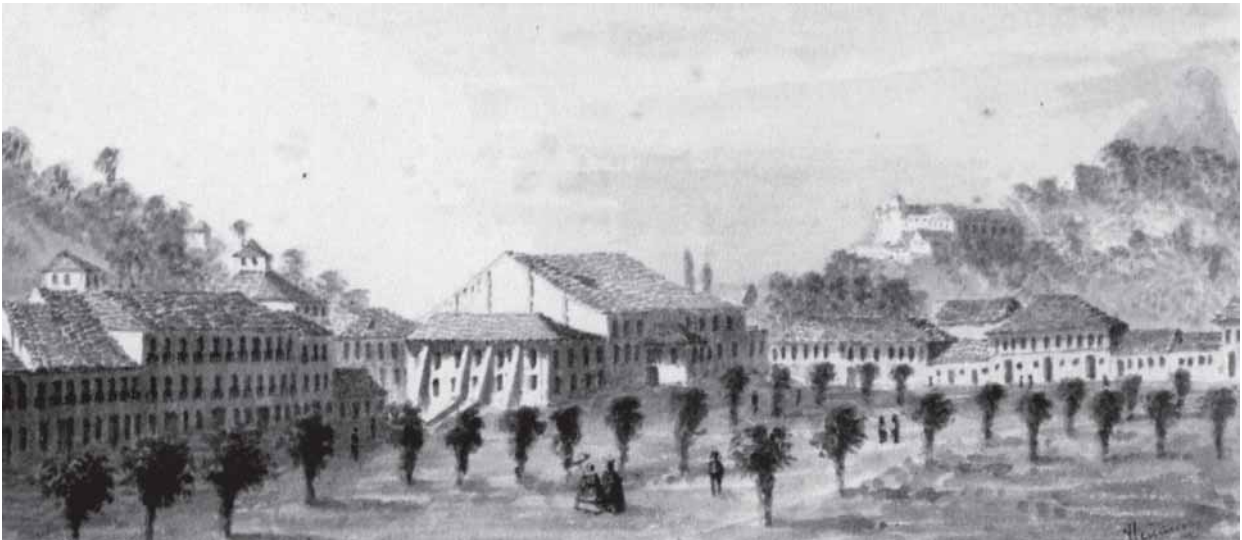
Faltaram talvez encomendas específicas? Anton van de Wyngaerde recebeu o encargo de desenhar o panorama das cidades espanholas mais importantes e realizou um álbum valioso. Por que ninguém fez o mesmo com relação às costas brasileiras? Não tinham adquirido estas costas ou todas as terras americanas o *status* suficiente para merecer tal distinção? Entretanto não faltaram os roteiros e os mapeamentos. Ou será, talvez, porque o conquistado e dominado não devia dominar demais no imaginário?

Finalmente, há de se considerar que o imaginário do europeu daquela época passava certamente por uma saturação. O fantástico já se havia instalado na cultura visual medieval bem antes dos descobrimentos com nus e monstros, plantas e animais de outro mundo, selvagens, negros e homens emplumados e mascarados. Até o canibalismo não era desco-

nhecido e aparecia em várias figuras.

Um século e meio mais tarde criou-se um quase idêntico desnível entre interesse e conhecimento do Brasil e a sua iconografia na Bélgica e na Holanda. Num novo ciclo estreitaram-se as relações destes dois pequenos países com o Brasil sob quase todos os âmbitos. As relações diplomáticas se tornaram particularmente cordiais, até com planos de casamentos entre as famílias reais e com a famosa visita dos soberanos belgas ao Brasil em 1920. Implantaram-se pequenas colônias de imigrantes holandeses e belgas em várias províncias, no Espírito Santo, no Rio de Janeiro, em São Paulo, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul. A imigração belga não ultrapassou entretanto os 6.000, ao passo que a holandesa se situou em níveis comparáveis. Uma peculiaridade, entretanto, dessa imigração, foi a vinda de pessoas de classe média, às vezes até com formação universitária. Proporcionalmente mais importante foi o grande interesse no comércio e no consumo também do café brasileiro. O tabaco e o charuto brasileiros agradaram menos aos belgas e holandeses que aos alemães. Capitais belgas foram investidos em vários setores da infra-estrutura e da nascente indústria brasileira e trouxeram tanto engenheiros e técnicos como materiais e tecnologia. Alguns milhares de brasileiros fizeram, de seu lado, estudos secundários e universitários na Bélgica. A partir de 1895 congregações religiosas holandesas e belgas participaram maciçamente, a pedido do papa, da romanização da igreja católica no Brasil. Na vida literária e cultural encontram-se ainda outras marcas de intercâmbio.

O Brasil se fez conhecer na Bélgica através da sua participação em várias exposições internacionais em Antuérpia desde 1885 e em Bruxelas desde 1910, ao passo que alguns diplomáticos, como Oliveira Lima, iniciaram uma verdadeira política de presença cultural com conferências, leituras e mesmo concertos de música brasileira. Se no começo a legação brasileira intervinha na imprensa com subsídios pecuniários para defender seus pontos de vista ou melhorar sua imagem, toda uma literatura surgiu espontaneamente do lado



Acima, **Henri Vleminck**, “*Campo de Sant’Ana*”, lápis sobre papel (1863), coleção **Richard Ramer, Nova York**; à direita, **Benjamin Mary**, “*Igreja na Praia Grande*”, aquarela sobre papel (1834), coleção **Paulo Geyer, Rio de Janeiro**

belga e holandês, difundindo uma informação valiosa sobre o Brasil, que certamente se tornou um dos países melhor descritos e analisados. Basta lembrar nomes conhecidos como os de Van der Straten Ponthoz ou D’Ursel, ou menos conhecidos, como Marie Van Langendonck (provavelmente a segunda mulher a publicar sobre o Brasil depois de Maria Graham), Eugène Hins, Léon Dumas, Van Ryckevorsel e tantos outros.

Frente aos conhecimentos livrescos deve-se enfatizar a mesma modéstia da iconografia. Ficaram muito tempo confidenciais os desenhos executados por Antoine Payen, T’Scharner, Henri Vleminck ou as aquarelas de Ver Huell (do Museu de Arnhem). O encarregado belga Benjamin Mary constitui vários álbuns de desenhos e aquarelas, que chegaram pelo menos em mãos reais e dos quais alguns foram publicados na *Flora Brasiliensis*, de Martius. Entre os botânicos houve certamente também alguns desenhistas, mas falsificações não foram excluídas e na verdade as estampas de orquídeas e outras flores brasileiras foram quase todas preparadas na Bélgica através de exemplares conservados ou cultivados dessas plantas. Nessa florescente literatura botânica, com vários álbuns e revistas especializados, o Brasil se projetou quase exclusivamente como o reino dos vegetais. Entre os numerosos pintores do século XIX apenas Henri Langerock dedicou particular-



mente uma obra ao Brasil, parcialmente em parceria com Victor Meirelles, sendo que seu *Panorama do Rio de Janeiro* foi um grande êxito em Bruxelas. No século XX poucos artistas belgas, salvo Pierre van Emelen, Wambach e Van Grieken, trabalharam no Brasil.



De novo é surpreendente como dois países com uma extrema atividade pictorial deixaram quase o Brasil de lado como fonte de inspiração. O Brasil dos séculos XIX e XX é ausente dos grandes museus de Bruxelas, Amsterdã e Antuérpia. Não foi por falta de interesse pelo mundo exterior ou pelas Américas, já que muitos outros trabalharam na Indonésia, na Índia, no Congo, no Egito e no México. Ou em Cuba, como Cleenewerck, na Bolívia, como Julien Fischer, na Argentina, como Victor Delhez. Pierre Benoît veio a dedicar uma obra quase desconhecida à socie-

dade escravista do Suriname, que em alguns aspectos críticos e humorísticos supera a Debret e Rugendas. Por pouco não veio ao Brasil. E por que não? O acaso? Certo é que a imagem do Brasil na iconografia se empobreceu estranha e infelizmente, dando assim margem à florescência dos estereótipos das palmeiras, das bananas e das serpentes. A fotografia, o cinema e a televisão pouco fizeram para corrigir esses estereótipos. Ainda hoje me parece que o Brasil carece de uma imagem mais acertada no exterior ou será que *pour vivre heureux, vivons cachés*?

Pierre van Emelen, "Cena no Porto de Santos", óleo sobre tela (1826), Museu Paulista, São Paulo

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- LEMAIRE, T. *De Indiaan in ons bewustzijn, De ontmoeting van de Oude met de Nieuwe Wereld*. Baarn, 1986.
 STOLS, E. e BLEYS, R. (red.). *Flandre et Amérique Latine, Cinq Siècles de Confrontation et de Métissage*. Antuérpia, Fonds Mercator, 1993.
 ———. *The Bride of the Sun*. Catálogo da Exposição Antuérpia, 1992.
 VAN DENBROECK, P. (ed.). *Over wilden en narren, boeren en bedelaars, Beeld van de andere, vertoog over het zelf*. Antuérpia, 1987.